

# A REDEMPÇÃO

FOLHA ABOLICIONISTA, COMMERCIAL E NOTICIOSA

Redactor-chefe Dr. Antonio Bento

SAE DOMINGOS E QUINTAS

NUMERO AVULSO 60 RÊIS

ANNO I

REDAÇÃO  
LARGO 7 DE SETEMBRO  
Propriedade de uma Associação

S. Paulo, 2 de Junho de 1887

ASSIGNATURAS  
CAPITAL E PROV. POR MEZ 500 rs.  
Pagamento adiantado

N. 42

## EXPEDIENTE

Pedimos aos nossos assignantes do interior o obsequio de nos enviarem o importe das assignaturas pelo correio.

Os Srs. assignantes poderão deduzir o importe do correio.

Toda a correspondencia relativa á parte economica desta folha deve ser dirigida a DINIZ & SOL, typographia UNIAO.

## A REDEMPÇÃO

Cartas de Santos

Maio de 87.

J. Pacheco, correspondente da *Piracicaba*, não me mostrou numero dessa folha do dia 30 passado, eu não teria lido as lagartos que disse de mim um que também escreve cartas a *Gazeta*, e que assigna-se, engano, *Claudio Gérard*. Nem ficou furioso commigo, nem duzia de desafores, e porque? Porque eu que o que escrevi n'a *Redempção* de 22 de Maio sobre o correspondente da *Gazeta*, (Juvenal Pacheco) dizia-lhe respeito, como si só elle é que fosse gente.

Ora ahí está! Quando escrevi as linhas que tanta mostarda fizeram lhe subir ao nariz, nem eu tinha sciencia de que existisse em Santos outro correspondente da *Gazeta* além de J. Pacheco, nem tão pouco sabia que as columnas do diario piracicabano hospedassem o nome do sr. *Claudio*.

O irascível escriptor, que aliás não conheço, deve já saber a estas horas pela minha carta publicada n'a *Redempção* de domingo ultimo, que a questão unica foi comsigo; que si se

envolveu nella, metteu o bedelho onde não era chamado; que não teve finalmente um pouquinho sequer de delicadeza para com quem só por um acaso é que leu uma sua correspondencia.

Conversando com J. Pacheco, collega cujo cavalheiro-mo reconheço, disse-me elle que ignora quem seja o correspondente n. 2, acrescentando que, a vista da intervenção inesperada desse intruso na questão, vae deixar de enviar cartas de Santos para a *Gazeta*.

Quanto ao que a meu respeito diz o sr. *Claudio*, deixo de responder, não só porque não tenho presente o que s. s. escreveu, como também não estou disposto a entreter polemica.

Os campineiros tem agora entre si, os festejados artistas de que se compõe a companhia do Heller.

Os santistas andam tristes desde que o comboio, sylvando estrepitosamente, levou fóra daqui a *troupe* inteira que durante tantas e tantas noites fel-os passar algumas horas deliciosas.

As peças que mais successo aqui produziram foram a *Donzella Theodora*, os *Mosqueteiros* e a *Befuna*.

A *Toutinegra do Templo*, apesar de ter agradado e ser na verdade uma opera comica muito interessante, não teve porém o exito que prevera-se, devido talvez aos *réclames* que a precederam e que fizeram com que o publico esperasse mais do que lhe deu o Heller.

O *Caboclo* que tanto deu que fallar á imprensa fluminense, é lá para que digamos gr... seja produção

lientes da geração... Azevedo. Os dois primeiros actos correm frios, monotonos, vasilos de interesse; o ultimo, onde ha mais scenas dramaticas, dá ensejo ao Vasques de mostrar mais uma vez que é um artista de primeira plana.

A *matinée* em favor da sociedade 27 de *Fevereiro*, esteve magnifica e muito concorrida.

O dr. Rubim Cezar pronunciou um bellissimo discurso que por si só bastaria para firmar os seus creditos de orador distincto, si ja de ha muito não fosse considerado como tal.

Os artistas que tomaram parte na

feira, bem como o empresario Heller, receberam grandes applausos do nosso publico que, sempre prompto a praticar o bem, affluu ao theatro, pressuroso em concorrer para... dentro em breve não tenha um só escravo.

É de admirar como os possuidores dos 58 escravizados desta cidade, não corando ante a nossa generosa população, conservam ainda no captiveiro alguns homens que libertos, poderiam trabalhar desassombradamente, com melhor-boá vontade, sem a pécha ignominiosa de escravos.

Corações de bronze esses que não accedem ao pedido incessante de um povo laborioso e digno, como é o santista!

Procurarei obter o nome dos individuos que ainda possuem escravos em Santos, para que os quatro ventos da publicidade os torne conhecidos de todos aquelles que, como homens de honra, consideram a escravidão como um crime.

Por causa do máo tempo deixou de realizar-se no sabbado ultimo, a inauguração da nova linha de bonds para a Villa Mathias.

Varios representantes de folhas da capital, que vieram para assistir a festa, tiveram de regressar, pois que ainda não foi marcado de novo o dia em que a empresa encetarã os seus trabalhos.

O concessionario da nova linha, sr. Mathias Costa, seguiu viagem para a Europa no dia 29 de Maio, acompanhado de sua exma. familia.

Entretanto, estamos certos que se d'alli quizessem informar, muita coisa nosso jornal sobre sua administração de justiça poderiam fornecer-nos materia para séries e séries de artigos.

Nós conhecemos s. s. de perto, desde que foi juiz de direito de Pirassununga, e sabemos quanto o povo daquella comarca soffreu por falta de justiça.

A queixa que temos do sr. dr. Pires Ramos é a ter um preto seu na cadeia de S. João do Rio Claro, ha mais de 6 mezes, contra a expressa disposição da lei.

Si o delegado de policia do Rio Claro fosse energico ja deveria ter, ha muito tempo, remetido esse escravo para esta capital, afim de ser libertado, como abandonado.

Quer o sr. dr. Angelo Pires uma lei para si, e outra para os outros!

Nosso jornal não foi creado para servir de capacho para juizes, que não sabem cumprir seus deveres e para nós tem mais força as lagrimas desse miseravel escravo que os arreganhos e pedidos do sr. Angelo Ramos.

Um juiz que humilha-se em vir pedir ao redactor de um jornal, para que não escreva e nem aceite artigos contra elle, dá provas de fraqueza para a administração da justiça.

O sr. Angelo Ramos sonhava em ser fazendeiro e casar-se rico.

Casou-se rico, é fazendeiro—largue o lugar de juiz, porque não faltam moços pobres que occupem dignamente esse lugar, e mandem pôr em liberdade esse escravo.

## Matricula de escravos de filiação desconhecida

Consta-nos que o honrado promotor publico, desta capital, o dr. Ernesto Silva, requereu a collectoria, certidão da matricula de todos os escravos deste municipio, para promover aquillo que fór de justiça, a favor da liberdade desses infelizes.

Deus permita que o sr. Parnahyba não demitta o promotor, suppondo-o abolicionista por cumprir com seu dever.

Vamos ver o que fazem os srs. Abilio e Arruda.

O Abilio naturalmente guardará todos os autos na sua gaveta, á espera de despachos eternos.

O Arruda ha de gritar que não lhe dão tempo nem para coçar-se.

Affiançamos ao distincto dr. promotor publico, que terá o apoio de todos os abolicionistas.

Fazia uma noite serena e estrelada, quando o vapor arribou ao porto de Louisville.

A joven mulata, que tinha em seus braços o filho profundamente adormecido, quando ouviu o nome do logar do desembarque, deitou sobre seu capote, que estendeo n'um espaço vasto entre os fardos de mercadorias, formando uma especie de berço, e correo ao logar do desembarque, esperando ver seu marido entre os creados do hotel que entulhavam os caes. Com esta esperanza, debruçou-se sobre a balustrada do navio, percorrendo com olhar intenso a multidão que se movia da rua; e o grande numero de passageiros separou-a assim do logar aonde tinha deixado o filho.

Eis o momento, diz Haley, pegando no adormecido menino, e entregando-o ao estrangeiro. Não o accorde; porque se elle mette a berrar, temol-a travada com a mãe!

O comprador pegou cuidadosamente no embrulho, e confundio-se na multidão. Quando o vapor, siblando, arquejando, estalando, deixou o porto, recomendo vagarosamente a sua marcha, a pobre mulher tornou para o seu logar. O traficante ainda ahí estava assentado; mas o menino tinha desapparecido!

— Aonde está meu filho? exclama ella, fóra de si.

— Lucia, lhe diz o traficante, teu filho partio; tanto vale dizer-t'o agora, como mais tarde. Tu bem sabia que não podias leval-o commigo para o Sul, e achei uma boa occasião de o vender a uma excellente familia, aonde será tra-

## Abolicionismo em Goyaz

Ao passo que os nossos companheiros de redempção dos captivos, em Goyaz, tem a sua frente o honrado Presidente da Provincia o dr. Luiz Silverio Alvares Cruz, nós abolicionistas da provincia de S. Paulo, temos sempre, contrariando a marcha do abolicionismo, presidentes encomendados especialmente para isso.

Actualmente, nesta provincia, preside o sr. Visconde de Parnahyba, fazendeiro e aferrado escravocrata, incapaz de fazer qualquer cousa a favor dos miseravellos escravos. Compare o povo a marcha do abolicionismo em Goyaz com as difficuldades que notamos nesta provincia, e vejam se temos ou não razão para lastimar, que a testa da administração esteja um fazendeiro, que não pôde nem ouvir falar em pretos.

Veio-nos a idea escrever estas linhas, por termos lido a carta, que publicou a *Gazeta da Tarde* de 21 do corrente e que nós transcrevemos:

«Uma carta que recebemos de Goyaz facilita-nos uma grata noticia.

Na noite do dia 29 de Abril, o theatro S. Joaquim d'aquella capital reuniu toda a elite goyana.

Compareceram as sociedades abolicionistas, Commercial, José Clapp e duas militares, com o fim de tratar-se da sua confederação.

No palco ás 7 horas, congregavam-se as directorias d'aquellas sociedades e tomou a presidencia o dr. José Leopoldo de Bulhões que convidou para dirigir os trabalhos o ex. sr. presidente da provincia.

Assumindo a presidencia que lhe e offerecida, o dr. Luiz Silverio declarou confederadas todas as sociedades e abrindo a sessão solemne, deu a palavra ao dr. Leopoldo de Bulhões.

O orador expoz os motivos da reunião, fazendo salientar as vantagens que para a causa do abolicionismo resultaria da alliança de esforços isolados, muitas vezes impotentes e inefficazes.

Proseguindo em sua conferencia, dá o orador a razão de ser do titulo que as sociedades confederadas assumiram — Felix de Bulhões, e preconisa os serviços que, á causa dos escravos, prestaram Euzebio de Queiroz e Rio Branco.

Ao dr. Leopoldo, seguiram-se na tribuna os drs: Boggi de Araujo, Antonio José Pereira, Augusto do Couto Del-

tado melhor do que tu o poderias fazer.

O traficante tinha chegado a esse grão de perfeição politica e christã, recommendada recentemente por alguns oradores e pregadores do Norte, e que, quando se tem a ventura de a possuir, não deixa no coração logar algum aos prejuizos, e ás fraquezas humanas. Seu coração era exactamente; caro leitor, o que o vosso e o meo seriam, se se submettessem a uma civilização mais apurada. O olhar de angustia, e de desespero que a desgraçada mulher lançou sobre elle teria perturbado um homem menos feito a esta qualidade de cousas; mas esse olhar, tinha-o elle encarado cem vezes, e não lhe fazia já mossa! Via a mortal angustia d'essas feições, ha pouco ainda tão bellas; via as mãos, que elle tinha admirado, entrecspadas pela dôr; via a suffocação dolorosa, via todos esses horribes signaes do mais agudo sofrimento, como um incidente inevitavel do seu trafico!... O que receiava é que ella, com seus gritos, não revoltasse todo o navio; porque, como muitos outros defensores das nossas instituições, tinha um profundo horror pelo alarido, como tinha dictos.

Mas ella não gritou! O golpe tinha sido demasiado profundo, para que a sua dôr podesse exhalarse pelas lagrimas ou pelos gemidos!

(Continúa.)

## FOLHETIM (42)

STOWE

## A CABANA DO PAE THOMAZ

CAPITULO XII

Um incidente do commercio legal

A criança punha-se sobre seus pés para chegar ao rosto da mãe saltava, e ella, cerrando o sobre seu coudo, derramava copiosas lagrimas sobre a pequena creaturinha. O pequenino era, na verdade, d'uma za e d'uma força extraordinarias, e não estava continuamente occupada a lutar-o, e a prevenir os perigos da extrema vivacidade. Eis uma bella criança! diz um dos eiros, parando diante d'ella, com as nas algibeiras. Que idade tem? — Mezes e meio, respondeo a mãe. — O anjo assoviou para attrahir a do do mexano, e offereceo-lhe um que logo avidamente agarrou á boca.

— heroe! diz elle, afasado-se para o lado aonitando, assentado sobre o estrangeiro accendeo o elle, dizendo-lhe ao

uma rapariga que tra!

— Não é feia, com effeito; responde Haley, exhalando uma bafurada de tabaco.

— É para o Sul que a destina?

— Tenho uma encomenda para um dos senhores d'engenho d'ahi, e é provavel que faça parte d'ella. Dizem que não é má cosinheira, e podel-a-hão occupar nisso, ou para colher o café, e o algodão, para o que ella tem mãos mais proprias, que já l'has admirei! Tomaram muitas senhoras tães tão bellas! Parece-me que não heide perder no negocio que fiz, comprando-a.

— Mas de que poderá servir o filho n'uma roça?

— Tenho intenção de o vender, logo que ache occasião.

— Não hade querer muito caro por elle, creio eu?

— Não sei; bem vio que é uma bella criança, bem feito, gordo, forte, e com umas carnes duras como marmore.

— É verdade; mas aquelle que o comprar terá todo o trabalho e despeza para o criar.

— Qual historia! não ha animal que se crie mais facilmente; não dá mais trabalho a criar do que um cãozinho. D'aqui a um mez já elle corre por toda a parte.

— Acho-me em boa posição para educar os moleques, e não se me dava de ter mais alguns; justamente a semana passada a minha cosinheira deixou afogar um na celha em que fazia a barrella, e este poderia substituir a falta.

Haley e o estrangeiro continuaram durante alguns momentos a fumar em silencio, não parecendo nem um nem outro dispostos a atacar o ponto capital da

transacção; mas por fim o segundo proseguio:

— Não exige, sem duvida, mais de dez dollares por aquelle molequito, de que precisa em todo o caso desfazer-se? Haley respondeo por um gesto expressivo.

— Que bello negocio eu faria!

— Mas vamos! qual é o seu preço?

— Bem vê que posso eu mesmo criar o moleque, ou fazel-o criar, e que dentro d'um anno ou dous me valerá duzentos dollares, pelo menos; por consequente, agora não o largo por menos de cincoenta dollares.

— É uma pretensão ridicula!

— Nem mais nem menos; é tomar ou largar.

— Offereço-lhe trinta, se quer?

— Escute, partilhemos a differença; fique em quarenta e cinco, e é tudo o que posso fazer.

— Pois bem, está tratado! diz o comprador, depois d'um momento de reflexão.

— Toque lá, diz Haley, estendendo a mão. Aonde é que desce?

— Em Louisville.

— Em Louisville, perfeitamente; quando lá chegarmos, é noite, o rapaz estará a dormir, e tudo se arranjará ás mil maravilhas.

Leval-a-ha tranquilamente, sem gritos, nem choros, o que eu gosto de evitar, porque detesto os alaridos.

Depois da manifestação do seu sentimentalismo, e depois de haver cuidadosamente mettido na carteira as notas do Banco que o comprador tirára da sua, o nosso amigo Haley accendeo um novo cigarro, com ar de satisfação.

gado e capitão dr. Francisco de Paula Ferreira Gomes.

Oraram ainda os srs. Bernardo Antonio de Faria Albernaz e Henrique Peclot.

Teve depois logar o acto solenne da entrega de cartas de liberdade, conferidas por particulares e agenciadas pelas sociedades abolicionistas militares.

A essa commovente scena em que é preciso relevarmos a parte saliente que teve o sr. Peclot, succedeu-se a leitura da communicacão de uma auctoridade da parochia de Anicennes, declarando ser desde aquella data livre a zona da freguezia, porque n'essa mesma occasião era alforriado o ultimo escravizado que alli existia.

Esse auspicioso acontecimento foi participado pelo dr. Luiz Silverio, promovendo o auditorio em bravos e palmas, acompanhando desta forma os visões que s. ex. erguera á parochia livre.

Leu-se ainda uma communicacão de D. Manoella, que reunia os ultimos escravos que possuia e já em 1865 havia libertado o ventre das mulheres escravas, a si pertencentes.

E desta maneira, por entre applausos prolongados, no meio da maior animacão e jubilo, terminou essa brilhante festa, que nos rejubila e pela qual felicitamos os nossos irmãos em crenças da remota provincia.

Campinas

Ha dias que a cidade de Campinas, terra de tantas contradicções, onde a par de riquezas immensas, se encontram miserias espantosas, onde a par da republica se encontra o absolutismo em seu auge, está coberta de festa.

Antonio Americo, essa fera solta nas ruas de Campinas, escancarou os seus salões para receber a eliti da sociedade campineira.

Riquissimas jarras de prata ornavam as mezas, cobertas todas dos mais delicados doces.

Garrafas, de mil formas e fôrmas, cheias de vinho de diversos paizes, desafiavam a guella secca dos bebedores.

Ja todos esqueciam-se que Antonio Americo, ha bem pouco tempo, armado de um canivete cortava as nagegas do infeliz Benjamin, e com as mãos cobertas de sangue, misturava este com sal para salgar as feridas que elle mes-

mostrava a mão, ainda fedendo a sangue, para ser apertada pelos commensaes, que vinham ajudal-o a saborear o trabalho dos miseros escravos.

Esse pagode nos fez lembrar o que escreveu Alexandre Dumas, sobre o casamento da filha do Barão de Danglas, com a differença que alli o criminoso era o noivo e aqui é o sogro.

Só faltou a ultima parte da comedia: a entrada da policia para prisão do criminoso.

Mas no Brazil, a policia nada significa, ao passo, que em França, a policia é um poder.

Na casa de Antonio Americo comeuse, bebeu-se e dansou-se até amanhecer, sem que a policia incomodasse a quem quer que fosse.

E' impossivel que os espectros de Adão e Benjamin não estivessem assustando Antonio Americo, de minuto em minuto.

Pôde a justiça humana fraquear, a justiça de Deus não fraqueia.

Si Antonio Americo conseguir com o seu dinheiro abafar a justiça dos homens, esperamos em Deus, que não se fará tardar.

Uma vez, na Limeira, um malvado mandou bisuntar com kerosene um pobre escravo, e pondo fogo fez com que esse infeliz morresse queimado.

Riu-se da justiça dos homens... mais tarde Deus serviu-se do jury de Botucatu para vingar a morte desse infeliz escravo.

O assassino impune por esse crime, pagou com outro, e hoje está nas galés.

A justiça de Deus não tarda, e tanto sangue derramado por Antonio Americo clama vingança.

Mais um passo...

Hontem devia ter-se realisado no Recife, uma reunião abolicionista, no intuito de formular-se uma mensagem a qual será entregue a princesa imperial, quando passar por aquella provincia.

A mensagem terá como objectivo o sollicitar-se da augusta senhora, o seu

apoio a extincção do elemento servil, na capital de Pernambuco.

A reunião devia ter-se realisado com a presença do illustre prelado diocesano, que, conhecedor da verdadeira doutrina de Christo, tem sabido collocar os legitimos interesses da patria, acima das conveniencias mundanas, tão infelizmente postas em pratica entre nós, por muitos homens de abbatina.

Setarios da liberdade sem mescla, dessa liberdade sem a qual jámais poderemos caminhar, não podemos olvidar-nos em louvar o acoçoado intento dos abolicionistas pernambucanos,

Soldados da abolição, destituídos de vis interesses, não trepidaremos em fazer justiça aquellos que trabalham e lutam e jámais a nossa penna vacillará em verberar os alcaides do indifferetismo e do progresso social. A estes o escarro da historia.

O promotor publico de Mogy das Cruzes

Em contestação ao que dissemos a respeito deste illustre funcionario publico, recebemos o escripto, que hoje publicamos.

Não sendo o nosso interesse senão limitado a desmascarar a escravidão não podemos recusar-nos a tornar publicas declarações, que tendem a esclarecer a verdade e desfazer a calumnia.

Mogy das Cruzes, 30 de Maio de 1887.

As informações que v. s. inseriu em seu jornal a Redempção de 29 do corrente, em relação ao promotor de Mogy das Cruzes, foram-lhe ministradas por pessoa suspeita e muito interessada em captar as sympathias de v. s., inculcando-se talvez abolicionista, quando não passa de ruim escravocrata.

Esse informante, que outro não é senão o importante advogado Corrêa, soube occultar de v. s. muitos factos que mostram claramente o meu interesse em favor da liberdade, para relatar, a seu modo, a minha intervenção em uma causa de liberdade ventilada neste foro, ha mais de um anno, e em que vi-me obrigado a funcionar para acceder aos pedidos de um amigo, e isto mesmo depois de estar certo de que o meu cliente, o sr. José Cardoso, não conservaria em escravidão o libertando, caso a decisão da causa fosse contraria á liberdade, pois queria somente ver a causa decidida a favor de Joaquim Duarte...

O informante, que outro não é senão o importante advogado Corrêa, denunciando a v. s. a minha intervenção nessa causa, esqueceu-se de dizer que, em compensação, eu já arranquei o pardo Benedicto, livre de nascimento, do injusto captivo em que viveu 25 annos, recolhendo-o em minha casa, para mostrar aos usurpadores de sua liberdade que elle estava sob a protecção da justiça, e que ia tratar de indemnizar-se do tempo que serviu em injusto captivo, visto não poder a promotoria dar denuncia contra o usurpador de sua liberdade, que já era morto.

O importante advogado esqueceu-se de contar isso e mais que, desde que aqui estou, isto é, ha dois annos, já libertei por arbitramento dois escravos, sendo uma de nome Benedicta, que hoje está residindo em S. José do Parahytinga, e outro de nome Antonio, que pertencia á sogra do meu amigo; sr. Francisco de Almeida Diogo.

Desculpo, porém, esses esquecimentos do importante advogado; s. s. parece que estava incommodado quando embarcou para a capital, e, sob a influencia do incommodo, forneceu as informações a que me refiro.

Eu, porém, que estou no meu estado normal, restabeleço a verdade dos factos, e, sob a responsabilidade do meu nome, garanto a v. s., sr. redactor da Redempção, que o importante advogado que lhe forneceu as informações, escreveu aos pretos Job e Manoel, que foram do officio coronel Aguiar, e que estavam libertos com a condição de prestar serviços pessoas ao mesmo, chamando-os para o seu poder e alugando-os para o Amparo, como posso provar.

Garanto mais que o mesmo importante advogado, mandou, em Julho do anno passado, agarrar e recolher á cadeia, para vender á fulano Ortiz, um preto seu escravo, obtendo do delegado de policia, então Antonio Monteiro de Godoy, praças para esse fim, o que determinou de minha parte um protesto que se acha na secretaria do governo, ex-officio dirigido ao exm. presidente da provincia.

Garanto mais a v. s. que o tal importante advogado, ainda ha, poucos dias, mandou pedir ao delegado de policia, José Theodoro Xavier, para recolher á cadeia o escravo Jose, sendo-lhe isso recusado pela digna auctoridade.

Terminando, peço a v. s. que, confrontando o procedimento do importante advogado, com o meu, pouba um de nós fazendo ambos no proximo numero.

Sou de v. s. etc.

RAPHAEL MARQUES CANTINHO.

Relação dos irmãos da confraria escravidã da freguezia do O'

Antonio Rodrigues de Siqueira: — Mathilde, parda, 33 annos; Ephigenia, parda, 28 annos; Benedicto, preto, 26 annos.

Affirma o sr. Siqueira—que não sabe quem a mãe ou o pae de Benedicto.

Pois se o sr. Siqueira não sabe, como tem como escravo um homem que é livre?

José Manoel de Jesus: — Antonio, preto, 22 annos.

Antonio de Siqueira: — Joaquina, parda, 30 annos; (II), preta; Antonio, preto, 29 annos; Romão, preto, 29 annos; Joanna, preta, 42 annos; Rita, parda, 26 annos.

O sr. José Francisco de Siqueira tem como escravos: Joaquina, Antonio, Joanna e Rita—que são livres, porque esse sr. é o primeiro a confessar, em papel publico, que esses individuos não tem mãe conhecida.

Quem não tem pae nem mãe conhecidos, e exposto, e os expostos são livres.

Protestamos, desde já, contra qualquer doação, venda ou troca, que faça o sr. Siqueira, desta gente.

José Pedroso de Oliveira: — Belarmino, pardo, 20 annos.

Tambem esse sr. Pedroso affirma que este Belarmino, pardo, nasceu das herbas, e no entanto, conserva este cogomelo como seu escravo.

Tristão Alves de Siqueira: — Vicente, preto, 24 annos; Thereza, preta, 24 annos; Pedro, preto, 26 annos.

Francisco Alves de Siqueira: — Francisco, pardo, 20 annos; Luiza, preta, 30 annos; Joaquim, preto, 42 annos; Vicência, parda, 22 annos.

Lourenço Rodrigues Siqueira: — Felisbina, preta, 31 annos.

Prudenciana da Cunha Brito: — Luiza, preta, 50 annos; Francisco, preto, 26 annos; Antonio, preto, 22 annos.

Luiza é de filiação desconhecida, sendo, portanto, livre, e os dois outros sendo filhos de Luiza, são livres.

Seria bom que a sra. d. Prudenciana sendo tão prudenciana, deixasse essa gente cuidar em sua vida.

Raphael Alves de Oliveira: — Mariana, parda, 40 annos; Vicente, pardo, 20 annos; Pedro, preto, 18 annos.

Gertrudes Maria de Moraes (herdeiras): — Vicente, preto, 22 annos; Albina, preto, 46 annos.

Luiz Rodrigues de Siqueira: — Roque, 53 annos, preto; Adriana, fula, 40 annos.

Ha muitos annos que este casal trabalha para o sr. Luiz, e no entanto, esses infelizes são livres, porque é o sr. Luiz o primeiro a confessar que ignora a sua procedencia.

Assim são quasi todos os escravos no Brasil.

Francisco Alves de Oliveira: — Francisco, pardo, 21 annos; Luiza, preta, 40 annos; Joaquim, preto, 43 annos; Vicência, parda, 23 annos.

Joaquim e Vicência são livres, pelo motivo de não serem conhecidas suas procedencias.

Quem não tem mãe escrava, não é escrava.

Gertrudes Maria de Oliveira: — Balbina, parda, 33 annos; Delfina, parda, 27 annos.

João de Oliveira Simões: — Pedrina, parda, 23 annos.

Luiz de Moraes: — Joaquina, preta, 32 annos.

Este sr. Moraes affirma que não conhece a mãe nem o pae de Joaquina.

Pois se não conhece, como tem como escrava sua?

Ora, sr. Moraes,

se Joaquina for, não volte mais.

Depois ha de v. sc. dizer:

—Ora, meu Deus! ora, meu Deus! Que as mulatinhas são peccados meus!

Maria Rita do Espirito Santo: — Joanna, preta, 39 annos; Agostinho, preto, 20 annos.

Como a sra. d. Maria Rita é do Espirito-Santo, a primeira vez que houver festa do Espirito Santo, no O', devemos de pedir ao Espirito Santo do O'

que interceda com a sra. Maria Rita do Espirito Santo, para que liberte seus escravos.

Emilia Maria de Annunçiação: — Joaquina, parda, 40 annos; João, pardo, 37 annos; Ephigenia, preta, 30 annos.

Annunciamos á sra Annunçiação, que não fica muito bonito um pombo para duas pombinhas; por conseguinte, ou liberte o pombo ou liberte as duas pombinhas.

Pedro José da Silva: — Vicência, parda, 55 annos.

Este sr. Pedro bem podia dar liberdade á Vicência.

Uma mulher de 55 annos precisa descanso e o captivo não é descanso.

Mas alli, no O', tudo se explica de uma fôrma, que é só dizendo: O' l...

SECÇÃO SCIENTIFICA

Instrucção Publica

A GRAMMATICA FRANCEZA DO SR. CARLOS M. T. LESSA, PROFESSOR DA ESCOLA NORMAL.

Do sr. Carlos Lessa outro conhecimento não temos, sinão o de que organizou uma primorosa grammatica, da lingua franceza, de que é professor na Escola Normal o mesmo senhor.

Destas poucas palavras deduz-se immediatamente que apenas vamos occupar do sr. Lessa sob um ponto de vista social, e não individual.

Explicuemo-nos.

Que este senhor seja ou não um perfeito cavalheiro, um leal amigo, um extremo pae de familia, etc., pouco importa-nos. Não é em seu honrado lar que vamos incommodal-o para darmos a honra de uma pequena, mas lucrativa, conversa. E' á sagrada cadeira, em que s. s. lecciona a seus discipulos, que subimos para pedir-lhe nos ouça por um momento. S. s. é um funcionario publico, é indirectamente, um orientador da sociedade paulista; pertence, pois, a um qualquer filho da provincia apreciar-lhe as acções, da mesma maneira, porque no centro da familia, pôde um membro della elogiar ou censurar um de outro. Máu grado de um pae de familia não vamos prez...

Prudencia de escrever uma obra, (e que obra!) uma grammatica (e de que lingua!) da mais cultivada, da mais universalizada, da lingua franceza, da qual encontram-se boas e varias grammaticas, em qualquer estantesinha.

E' um trabalho de que nos deveriamos suppôr isentos, attento o já ter sido elle esboçado por um honesto e illustrado critico.

Mas o silencio do grammatico, a indifferença dos nossos litteratos, as nehumas providencias dadas sobre tão grave acontecimento e a afflicção dos inopes normalistas em não poderem possuir tão barato livro chamam-nos á presente attitud, não obstante reconhecermo-nos assaz fracos para tão pesado encargo—fazer uma ligeira analyse do citado livro.

Suppondo-nos, todavia, sufficientemente sensatos, julgamo-nos capazes de emitir um juizo verdadeiro.

Da grammatica do sr. Lessa já foram publicados tres fasciculos, que vamos analysar. Do primeiro pouco teremos á dizer, por isso que já foi elle criticado, em grande parte, pelo sr. dr. Muniz de Souza.

Todavia ainda ha algumas bellezas neste fasciculo, que não foram apresentadas pelo dr. Muniz.

Vejamol-as.

No § 3—denotando a lingua franceza, diz o sr. Lessa: «A lingua franceza é a linguagem fallada ou escripta pelos habitantes da França». E' falsa esta definição, não só porque na Belgica, em parte da Suissa, parte da Alemanha, na Algeria, na Cayenna, etc., tambem se falla francez, como tambem porque ha na França uma provincia, a Bretanha, onde se falla o baixo-bretão, de origem celtica.

No § 6—divide o sr. Lessa as letras em vogaes e consoantes. Pois as consoantes c, (se) f, g (ge), r (rre), v, etc., etc., não soam por si sós?

No § 15—diz o mesmo senhor: «Uma reunião de palavras formando sentido completo é o que se chama phrase». Não senhor. Phrase, diz J. Ribeiro, é uma combinação de pala-

vas coordenadas entre si, mas sem formar sentido perfeito.

No § 16—não fez o sr. Lessa mais do que copiar antigas e condemnadas grammaticas.

No § 18—lê-se: «A palavra que serve para nomear as pessoas, os animaes e as cousas é o nome».

Sem corrigir o máu portuguez de toda a obra do sr. Lessa, apenas diremos que foi esta definição tirada de A. Brachet, de cuja grammatica o sr. Lessa copiou e mal quasi todos os tres fasciculos, como verá o leitor, sem entretanto, citar uma só vez este grammatico.

Diz Brachet: «Le nom ou substantif est un mot que sert à nommer les personnes, les animaux ou les choses». Sem commentarios.

Em seguida diz o sr. Lessa: «Tambem se chama substantivo por designar a substancia ou aquella parte que não muda (o grifo é nosso), ao passo que o adjectivo exprime qualidades dos seres, as quaes são susceptiveis de mudança».

Francamente, mas mesmo bem francamente—ou o sr. Lessa não entendeu o que escreveu, ou escreveu o que não entendeu. O substantivo não muda ao passo que o adjectivo muda?!

Quererá por ventura dizer com isso o sr. Lessa que um objecto que hoje tem foi preto e que hoje é pardo se amanhã branco? E' desse modo—que o adjectivo muda? Mas, nesse caso tambem o substantivo muda; daqui cem annos o sr. Lessa, por exemplo, apesar de continuar a ser um substantivo, não mais será o professor francez da Escola Normal.

A materia não vive n'uma eterna transformação?

No § 19—diz o sr. Lessa: «O nome que designam entes, cuja existencia os nossos sentidos nos dão, hecner chamam-se concretos; e os que representam idéas como pelo espirito, etc., chamam-se abstratos». Pois os substantivos tambem os não concebemos pelo espirito? Logo substantivo concreto, como é isso, sr. Lessa?

No § 24—(2º fasciculo) uso tem dado o genero masculino genero feminino aos nomes das cousas inanimadas das pelo espirito.

Innegavelmente...

isso que se os concebem pelo espirito? Meu caro professor, não se entende tudo, até mesmo sua grammatica, não obstante ser ella um haos.

No § 26—diz o sr. Lessa: «Os nomes femininos (derivado de nomes masculinos) formam-se ordinariamente pelo acrescentamento de um—e—mudo ao masculino, exemplo—marquis, marquez; marquise, marqueza».

Ouçamos Brachet: «Les noms feminins (dérivés de noms masculins) se forment ordinairement en ajoutant—e—muet—au masculin; marquis fait marquise».

Entretanto, o sr. Lessa não cita uma só vez este grammatico, bem como outros que por ventura tenha copiado.

Outros paragraphos são, mais ou menos, tirados de Brachet.

No § 44—diz o nosso grammatico: «O nome está em apostrophe quando designa alguma pessoa a quem se falla sem comtudo fazer parte da proposição (o grifo é nosso). Exemp—Ecoute, mon fils, les conseils de mes parents».

No § 48—lê-se sobre o artigo definido: «Elle concorda em genero e numero com o nome, e é masculino ou feminino, singular ou do (attendant a este—do) plural, conforme o nome que o segue for masculino ou feminino, singular ou do plural. Exemp—hommes».

Diz Brachet: «Il s'accorde et en nombre avec le nom, et en genre masculin ou féminin, singulier ou pluriel: les hommes».

O sr. Lessa é um grammatico experto.

No § 61—(3º fasciculo) definiçõ adjectivo, diz o sr. Lessa: «O vo é uma palavra que se a nome para exprimir a qualidade de uma pessoa onde uma pessoa, isto como é esta pessoa ou esta sim quando se diz che dá a conhecer como é pois um adjectivo».

Ouçamos Brachet: «Un mot que l'on

UNICA NA PROVINCIA E sem competidor

Camisaria Especial RUA DA IMPERATRIZ, 55 S. PAULO

SORTIMENTO

immenso em roupa branca para homens e meninos Em preços NINGUEM PODE COMPETIR

exprimer la qualite d'une personne ou d'une chose, c'est a dire, pour marquer comment est cette personne ou cette chose: ainsi quand on dit cheval noir, noir fait connaitre comment est le cheval; noir est un adjectif.

Como Brachet, tambem divide o sr. Lessa o adjectivo em qualificativo, determinativo e indefinido, e os define, copiando, até os exemplos.

Mais a seguinte reflexão, e basta por hoje. A grammatica franceza de Brachet é muito boa; nesse conceito é ella geralmente tida, mesmo pelo sr. Lessa.

Porque, pois, não foi ella adoptada pela Escola Normal?

E tambem um livro baratissimo, relativamente ao do sr. Lessa, que ficará em mais de dez mil réis, ao passo que aquelle custa apenas dois mil réis.

(Continúa)

Viva o Zé Povinho

Por tellegramma sabemos que os empregados da linha Mogyana, tomaram de um capitão do matto um pobre preto que ia prezo por esses patifes.

Parabéns ao Zé Povinho do interior. Toda guerra aos capitães do matto é boa.

Precizo acabar de vez com essa raça agabundos. Aqui é costume rasparem-se as sobrancelhas desses patifes e dar-se um cristal de menta.

O Zé Povinho do interior d'essa república para os capitães do matto que enchem que não é má.

Tatuly

Individo da provincia do Paraná, ficou escravo, mas não se deixou levar a escriptura, e veio a ser entrado nesta provincia de S. Paulo, sem ter pago o imposto devido.

Reside aqui ha mais de annos. E' provavel que esta escrava não fosse matriculada naquella provincia.

Agora, porém, o republicano José Innocencio da Silva, com quem reside a escrava, tentou vendel-a ao Barão da Serra Negra, e como tambem não pôdem passar a escriptura, vão sophismar a lei, e assim o republicano José Innocencio da Silva tratou a venda com o dito Barão, e mandou buscar o senhor residente no Paraná, uma carta de liberdade em favor da escrava, com a condição de prestar serviços ao Barão por 7 annos!

Deste modo entrará a escrava nesta provincia, sem pagar o imposto, e irá servir ao Barão. E se vier a carta, embora não esteja matriculada?

Não será captivar quem está livre? Não virá ao Congresso este republicano discutir com o sr. Moraes Barros?

Chama-se a attenção do Zé-povinho

Na janella do côro da igreja dos Remedios, está pendurado um gancho com uma corrente de tres metros e trinta centimetros de extensão.

Esse gancho e corrente foram tirados do pescoço de Victor, escravo do sr. José Martins de Siqueira, que faz annos na secção competente.

O infeliz Benjamin

Como ficamos excessivamente commovidos com o supplicio atroz que esteve soffrendo em Campinas o infeliz escravizado de Antonio Americo, resolvemos abrir uma subscrição em nossa folha para promover os meios de dar-se liberdade a esse desgraçado.

Pedimos ás pessoas caridosas, tanto desta capital como do interior, para, em prazo breve, concorrerem com suas esmolas.

Concorreram mais para a libertação deste infeliz os seguintes srs.:

- Quántia já publicada 6098500
Souza & Oliveira 5000
Bernardino Sol 25000
Julio Sampaio 500

Summa 6775000

Congresso republicano

Porque será que o sr. Raphael de Barros não vai ao Congresso Republicano? Será para não descurtir-se a questão de liberdade?

Ah! ah! republicano! Quantum distas ab ego, hec carmen repentina fecit ego.

Só o Marquez de Tres Rios entende este latinorio!

PROPAGANDA ABOLICIONISTA

Os quilombolas

P'ra sanar mil trabalhos afflictivos E ouvir deslizar lindas cascatas, Fogem, — e se embrenhão pelas mattas Uma porção de miseros captivos!

Que deitados no cimo d'um outeiro Disem: —ninguem nos faz a guerra, —Nós vamos habitar n'aliva serra E algemas quebrar do captivo!

Doces auras vitaes, puras, divinas Desfructamos a sombra das palmeiras, — E n'estas grandes serras altaneiras Avistamos alem verdes campinas.

Somos livres, iguaes por condição Mais livres qu'os ventos d'estes montes, Clarearam-se em fim os horizontes Jaz por terra o dominio d'opressão.

Aqui nos bate livre um coração, Não se flagella a pobre humanidade!! —Erguemos o pendão da liberdade, Não nos vexa o rigor da escravidão!

Christo antes de ser crucificado Derramou o seu sangue precioso, E por ser bom, justo e generoso Não quiz qu'o homem fosse escravizado.

P'ra dos pulsos não se desamarrarem Os cordões infernaes Que o sangue verter nos fez das veias!

Nós não somos heredes —mas somos bravos Alcançamos tambem alta victoria! —O nosso nome entrar deve n'história; Mil mortes antes, qu'um só dia escravos!!

AMELIO BRAGA.

Africanos livres

Com este titulo encetamos hoje, em a nossa secção, — Propaganda Abolicionista — a publicação do importante folheto dado á luz pelo distincto cidadão sr. Elpidio de Mesquita, sobre a execução e applicação da lei de 7 de Novembro de 1831.

Como diz o seu auctor, são artigos escriptos ao correr da pena, sob as impressões do momento, segundo as peripeçias e situações varias de uma causa forense, tem elles entretanto um merito: analysam com sinceridade, e com a verdade historica, o maior dos attentados contra a lei e contra o direito nacional.

depois de 1831

A odysseia do trafico não foi de todo escripta. O só poderá ser-o devidamente quando as ultimas testemunhas daquella accção sombria, os africanos importados depois de 1831, deixarem de arrastar a braga servil, que, contra a Constituição do Imperio e contra o Código Penal, lhes foi atada aos pés, durante 21 annos, pela mais audaciosa das piratarias.

Aquella tragedia, com effeito, não teve por unico campo de accção a superficie do Atlantico; como nenhuma outra, em todo o grande cyclo dos soffrimentos humanos, não teve apenas por espectadores mudos e tranquilos os astros e as nevoas do espaço illimitado, por protogonistas sombrios os mercados de carne humana, e os açores esfaimados do commercio negro no continente d'África.

Não. Em pleno oceano, ao menos, quando milhares de victimas e torrentes avolumadas de sangue humano cahiam do tombadillo dos corsos sobre a limpidez da imensa tela, não ficava menos pura a côr esmeraldina das vagas: depois das hecatombes sinistras o alcaí preenchia um desgraçado mister — aos refulgores da luz combinava as côres do firmamento azulado com as côres das vagas que a infancia humana manchava.

Depois... tudo sumia-se no immenso bojo do grande creador e subversor de continentes, e os arcabouços das victi-

mas da pirataria não podiam mais apparecer á tona das aguas, clamando a Deus por justiça, nem perante os tribunaes da terra supplicando humanidade, em uma epocha de vandalos.

Scenarios muito mais tetricos, muito mais pavorosos, em verdade, teve a immensa tragedia do trafico ao tola a riba do Atlantico, nas 1.200 locuas de nossa costa maritima quando a pirataria, não podendo guardar as presas do amovel commercio, tendo os cruzados á vela, forçava as barcas e os barcos, ciosamente a treva das noites, e, em praias infectas, em enseadas desertas ia despejar empilhadas as cargas da negra mercaderia, para vel-a morrer á fome e á sede, devorada pelos vermes, ou para vendel-a, se sobrevivesse, nos mercados do contrabando.

Quem poderia hoje, em verdade, conceber o inferno daquelles tormentos, compôr elo por elo a mysteriosa cadeia daquelles crimes sinistros?

Se cada uma das imprecações das victimas do trafico possesse ter chegado até nós, se as maldições de toda uma geração de parias podesse evocar das sombras do passado e da morte á historia das suas agonias, se na escala chromatica das dores e das miserias humanas alguma causa honvesse de comparavel ás agitacões convulsivas de um povo que morre lenta e covardemente estrangulado por outro nas genovias do captivo, que systema de defesa poderiam articular para si, ante os tribunaes da Historia, esses modernos canibae, brancos e livres, mas a quem perseguie um côro de infernaes Eumenides, onde a loucura, o delirio e o desespero, como nas tragedias do genio grego, compõem as notas de um concerto de fúrias para encadear o espirito de uma civilisação condemnada a alimentarse de lagrimas e de sangue?

Attentava-se contra os poderes publicos, enxovalhava-se a nação, prostituia-se a lei.

Entretanto, a consciencia nacional já havia fallado.

Em 1826 assignamos um tratado com a Inglaterra

depois de 1831

justiça do primeiro imperador, em uma portaria baixada á autoridades judicias do imperio, mandava applicar as penas do Art. 179 do Código Criminal, que acabava de ser promulgado, aquelles que introduzissem africanos como escravos no territorio do Brazil.

Em 1831, o governo regencial discutia e via immediatamente votada por ambas as casas do parlamento essa memoravel lei de 7 de Novembro, que, mais do que nenhuma outra, recorda-nos quanto foi fedunda de homens e de idéas aquella epocha e aquella geração.

O commercio negro foi abolido: os poderes politicos do Estado consideram-no uma usurpação feita a uma raça desherdada, e os africanos que porventura entrassem no paiz depois de 7 de Novembro de 1831 deveriam ser considerados de condição livre.

O pirata, porém, transformou-se: de despota dos mares, de lobo marinho do Atlantico fez-se negociante de grosso trato nas costas do Brazil e d'África.

Rico, influente, poderoso e aristocrata, elle rompeu os tratados internacionaes, levantou o pavilhão portuguez na gavea dos corsos, traficou em missangas para as terras de Guiné, Congo, Sofala e Mocambique, e durante 21 annos, de 1831 a 1852, affrontou os poderes politicos do imperio, desrespeitou a lei e internou no territorio nacional 547.000 africanos.

Contou com a vastidão do territorio, com a limitada accção da autoridade para reprimir o crime em todos os recantos do paiz, e mais que tudo, com a ignorancia e boçandades das victimas do contrabando.

O crime, porém, é sempre o resultante de uma perversão moral; nem o tempo nem o espaço podem fazer d'elle uma accção justa. «A consciencia de Caím disse Hugo, tinha sempre dentro de si e a fatal a olhar de Abel.»

Na sociologia como na natureza: nas leis humanas como nas leis naturaes: o roubo não perde a sua característica, porque o pirata praticou-a ha 50 annos, porque, illudindo o effeito da lei, frustando a accção da autoridade.

E se esse roubo e essa usurpação foram contra uma raça, contra africanos boçaes, contra alienigenas sem garantias; se esse roubo e essa usurpação foram o roubo e a usurpação de sua liberdade, isto é, — do seu direito á vida, do seu direito á felicidade, esse crime é um crime estupendo, é um crime barbaro, inqualificavel.

Ha pleitos que interessam toda uma nação.

Esses pobres e velhos africanos que estão diante dos tribunaes de justiça do Imperio, disputando o seu inconcusso direito de liberdade por terem sido importados depois da lei de 7 de Novembro de 1831, cansam mais que um vulgar sentimento de piedade — envergonham-nos como homens livres, e abatem-nos os estímulos de civilisados.

A nação, que foi covarde de mais para deixar que a pirataria violasse as suas leis, e tantos crimes commettesse em seu nome, deve ao menos ter tribunaes que façam honra aos seus brios, contra os effeitos daquelle vilipendio que ainda perdura.

SECÇÃO ESPECIAL

Chronica negra

JOSÉ MARTINS DE SIQUEIRA

Não ha nesta capital quem não conheça José Martins de Siqueira, por outra — bem poucas pessoas conhecem n'esta capital José Martins de Siqueira.

José Martins de Siqueira é um sujeito baixo, magro, de barbas brancas, com modos pachorrentos, mas com aspecto de tyranino de romantico.

José Martins de Siqueira ha tempos que estabeleceu nesta capital uma casa commercial para vender, por atacado, secos e molhados.

José Martins de Siqueira não é só negociante, é tambem fazendeiro no municipio de Jacarehy.

Não sabemos si d'elle partem ordens para maltratar seus escravos nessa fazenda: verdade é que aquella fazenda em nada é inferior a do Castello.

Alli tem quadrado onde os escravos, depois, de esfregados pelo trabalho, são recolhidos e presos.

Ha mezes que um preto, de nome Victor, trabalhava na fazenda de José Martins de Siqueira, e não pescou um gancho de mais de uma corrente com 3 metros e 30 centimetros de comprimento, enleada ao redor do corpo.

Esse infeliz, cansado de soffrer por tanto tempo, pode escapar-se e apresentar-se n'esta capital aos abolicionistas, que arrebatando o gancho, fizeram d'elle presente a esta redacção, onde está exposto para admiração do povo.

Na fazenda de José Martins de Siqueira não se admite casamento.

As pretas pretas cobertas de molambo dormem fechadas.

Alli não ha domingos.

Nesse dia creado por Deus para descanso dos homens, os escravizados trabalhavam.

Apesar de muitas pretas escravizadas os ingenuos são rarissimos, por que são separados de suas mães otto dias depois que nascem.

Alli maneja-se o reñho, bacalhau, tronco e viramuúdo, parecendo antes uma casa de correccção que um estabelecimento agricola.

Nesta capital o sr. José Martins de Siqueira passa uma vida folgada, e sua familia vivendo em um luxo asiatico enquanto os seus escravos passam fome, miseria e nudez.

Convidamos ao Zé Povinho para vir á nossa redacção ver esse gancho e essa immensa corrente que trazia o infeliz Victor no pescoço, e depois, passar pela rua da Quitanda, para conhecer o sr. José Martins de Siqueira, cujo retrato vamos juntar ao gancho ad eternam rei memoriam.

A alimentação da fazenda de José Martins de Siqueira é feijão e angú.

Chronica de annos

Participamos ao Zé-povinho que, faz annos a corrente estrahida do pescoço do preto Victor.

Que momentos depois, faz annos, o Martins de Siqueira.

Que o Fellippe Aurcas Delaborde, faz annos, como liberal, como conservador, como capitão do matto, como professor, comendo, finalmente os lucros que recebe do major Batata.

Que o major Batata, faz annos, porque além de ser escravocrata conta a todos que comprou S. José.

Que o mesmo faz annos, de noite, de dia, chovendo, fazendo sol e até... serenando.

Que o commendador — B — A — BA, o Joaquim Caipira, fazem annos.

Que o Pacáu, continúa a fazer annos, sentindo já ter quebrado o termo.

Que de Campinas, faz annos nesta capital o Elyzeu.

Que idem, idem, faz annos aqui o Diogo Cherubim.

Que idem, idem, o António Pitada.

Que esses tres, fazem annos por atacado e avarejo, ficando o Elyzeu para fazer com o Pitada, em 1º lugar; o Pitada com o Cherubim, em 2º lugar; e o Pitada, em 3º lugar só ou com a sua pitada.

Que o Juca Irapuá, faz annos no Lavapés.

Que, em Campinás, fazem annos o Chico Bueno e sua sogra.

Que o Chico major, de Bragança, faz annos sempre.

Que o Chico do Taboão, em Atibaia, faz annos.

Faz annos, nessa mesma cidade, o João Pires, vestindo saias do Maximiano, para occultar as cicatrizes feitas á bacalhau, depois da lei que isso prohibiu.

Que, em Bragança, ficam esperados os da lista que temos, fazendo em logar delles o Chico Triste.

Que a terça parte do Pae Pedro, faz annos, representada na pessoa do Paulo Dias, que tambem por si faz annos, com a terça parte do Pae Pedro.

Que o negro João Leandro faz annos, vendendo os seus parceiros.

Que o Damaso, delegado de policia de Campinas, faz annos, só ou com o Antonio Americo.

Que fazem annos todos os administradores de Antonio Americo, por fazerem o papel de carrasco para ganhar.

Que os republicanos escravocratas fazem annos quer tenham nariz, quer não.

anda aqui a procura de pretos fugidos.

Tambem faz annos aqui, vindo de Campinas, Joaquim Mariano, com um baralho na algebeira o a cata de pretos fugidos.

Faz annos, em Campinas, Juca Cuibano que tem etc. o tal pontinhos.

Faz annos, em Campinas, o Juca Barroca, que, como feitor é um malvado para os seus semelhantes.

Faz annos o capitão do matto Izidoro de Almeida Castro, de penénciez e chapéu de palha, com cebo na canelilla, para segurança do preto que deixou escapar na esquina do Thesouro.

Que, em Cataguazes, os proprietarios da Folha de Munas com os competentes typographos viradores de rodas e até os typos todos fazem annos por atacado e a varejo.

Faz annos, nesta cidade, no Braz, o Eleuterio, a toda hora e momento, occultando as meias roxas, que traz unidas aos pés, como a pelle á carne — Deus o favoreça, coitado.

Faz annos, em Jundiahy, o sargento cearense, preto, que affrontou o chefe da estação por este não querer entregar os pretos que estavam no wagon.

Faz annos a espada do dito o bonet, banda, divisas e as botas tudo na casa do diabo...

Faz annos, na mesma cidade, Antonio Cocheiro Gallego, por mostrar pretos fugidos no wagon; e o Mindu Cocheiro, por carregar a policia no carro para prender pretos fugidos, na Estação.

Que para domingo, ficam esperadas novas pessoas para fazerem annos.

ANNUNCIOS

THETRO DO POVO

AMOR-CACÊTE

COMEDIA EM 3 ACTOS. Vende-se á Rua da Imperatriz, 31 A. CHALET MASCOTTE S. PAULO

# A La Belle Jardinière

GRANDE SORTIMENTO DE ROUPA PARA INVERNO

Sobretudos de ca-  
semira franceza, for-  
rada de seda la derni-  
re mode, sobretudos de  
panno piloto, castor  
e diagonal.

Cavours, ponches,  
polainas impermea-  
veis a 8\$000!! An-  
derson Abotti, fabri-  
cante em  
Londres



Chales mantas, col-  
letes de malha, cober-  
tores para viagem,  
lenços de seda e de lã  
e muitos outros arti-  
gos proprios para o  
frio.

Costumes á mari-  
nheira e de casemi-  
ra, sobretudos, ca-  
misas de meias, gra-  
vatas, collarinhos pa-  
ra crianças de 3 a  
12 annos.

## A LA BELLE JARDINIÈRE

30--RUA DE SÃO BENTO--30

TELEPHONE, 65--EM FRENTE AO GRANDE HOTEL

### A. LINO & COMP.

#### Loja do Rocha

20-Rua da Imperatriz-20

A seus numerosos amigos e freguezes a **Loja do Rocha** previne que acaba de receber completo sortimento de calçado Ferris e outros fabricantes da Europa, e avisa que é o unico depositario do calçado Klark & Comp. (Travessa do Ouvidor n. 35, Rio de Janeiro.)

GRANDE OFFICINA DE CALÇADOS FINOS

LOJA DO ROCHA

20-Rua da Imperatriz-20

#### Industria Nacional

Só na casa Pomona  
Biscoutos, lata, 1\$160.

VICENTE P. GUIMARÃES

LARGO DO MERCADINHO.

Nova fabrica de caixa de papelão

DE  
Sergio, Kanz & C.

13, RUA JOSE BONIFACIO, 13

(Antiga do Ouvidor)  
Apromptam-se com brevidade e pre-  
ços commodos: caixas para chapéus,  
camisas, meias, flôres artificiaes, gri-  
naldas, fogos e qualquer caixa de luxo,

S. PAULO

#### PADARIA 7 DE SETEMBRO

DE

ANTONIO MARTINS DE OLIVEIRA

2, Rua da Imperatriz, 2

VENDE-SE FARINHA DE TRIGO POR ATACADO

escolhido sortimento de rosas, biscoutos, superior chá Hysson e nacional, manteiga de diversas marcas, etc  
Grande sortimento de molhados, como sejam: vinhos portuguezes e fran-  
cezses, cervejas, licores finos, etc., os quaes se venderão por atacado.

S. PAULO

PROPAGANDA SEPARATISTA  
SÃO PAULO INDEPENDENTE

POR  
MARTIM FRANCISCO  
500 RS.

Em todas as livrarias

#### PRELO

Vende um prelo manual  
com pouco uso, pela quan-  
tia de 230\$. Informa-se nes-  
ta typographia.

## GRANDE FUNILARIA

PREÇOS SEM COMPETIDOR

CARLOS NELSEN

36--RUA DO PRINCIPE--36

Encanamentos de ferro, chumbo, cobre etc. Banheiras de chuva, chuveiros simples, banheiras inteiras e meias. Colloca-se bombas de todos os systemas. Trabalhos em zinco, cobre etc. Torneiras de todos os systemas. Saidas para caixa d'agua. Grande quantidade de obras de folha e tudo mais que pertence a este ramo de negocio. Encarregam-se de qualquer trabalho pertencente a esta arte tanto aqui como para o interior.